

O COLÉGIO PEDRO II ENCONTRA O SÉCULO XXI

Ana Maria Cavaliere

A decisão de dedicar um número da Revista Contemporânea de Educação ao Colégio Pedro II deve-se à importância dessa instituição federal de ensino para a história da educação brasileira e, particularmente, para a história da cidade do Rio de Janeiro. O Colégio Pedro II é parte da vida da atual capital do estado. Escola secular, fundada em 1837, recupera, em 1911, o nome Pedro II, após uma longa crise no início da República, quando passou a se chamar Ginásio Nacional. Ao longo de todos esses anos, recebeu gerações de cariocas, e de brasileiros de diferentes regiões, a princípio quase que exclusivamente ligados à elite política e intelectual¹, e, posteriormente, oriundos de segmentos diversificados da população. Filhos de pequenos comerciantes nos anos 1940, da classe média urbana instruída e liberal nos anos 1950/60, das camadas populares a partir de 1984, quando da implantação do primeiro segmento do ensino fundamental com ingresso na classe de alfabetização feito por sorteio universal.

Em 2008, o Colégio Pedro II completou 171 anos de existência, tendo cerca de 12.000 alunos distribuídos por todos os segmentos da educação básica, inclusive a educação de jovens e adultos nas modalidades *regular* e *técnico*. Tem cerca de 1100 professores, sendo 70 % deles do sexo feminino².

Durante os anos 1970, o Colégio atravessou um outro período de relativa decadência, com esvaziamento e perda de prestígio, em parte causados pela insegurança frente às ameaças frequentes de transferência para o sistema estadual, em parte pelos golpes sofridos por seus professores e alunos durante a repressão movida pela ditadura militar³. O Colégio inicia sua recuperação nos anos 1980. O esvaziamento é revertido e já em meados da década as filas para inscrição aos concursos de ingresso dobram quarteirões. A memória coletiva foi recuperada e o prestígio do Colégio restabelecido.

Atualmente, conquistar uma vaga no Colégio Pedro II é motivo de satisfação para as famílias, pois significa ter acesso a uma escola de qualidade, “embora pública e gratuita”. Sobre isso, destaque-se que a importância do Colégio Pedro II, bem como de

¹ Neste número: Cunha Junior, Carlos Fernando Ferreira. “Espaço, punição e recompensa no imperial Collegio de Pedro II”.

² Colégio Pedro II - Projeto Político Pedagógico, Inep/MEC, 400p. 2002, (p.43).

³ Neste número: Hauer, Maciel Lucia. “O Colégio Pedro II durante a ditadura militar”.

outras poucas instituições públicas de educação básica cuja qualidade é reconhecida⁴ - como os Colégios de Aplicação das universidades públicas - é o efeito-demonstração que cumprem, de que não há incompatibilidade entre qualidade e serviço público. Contra a corrente de uma “verdade” repetida à exaustão, mas muito parcial, de que as escolas públicas são ruins, essas escolas, contradizem a desmoralização sob a qual praticamente todo o sistema público de educação básica se encontra.

Nos últimos anos o Colégio Pedro II vem sofrendo importantes transformações. Criou novas unidades, inclusive fora da capital, e realizou mudanças internas, de natureza pedagógica e administrativa.

Na página eletrônica do Colégio encontra-se definida, em 2008, a seguinte “missão”: *Educar crianças e adolescentes, tornando-os capazes de responder às transformações técnicas, culturais, emocionais e sociais do mundo de hoje*. Interessante notar a presença das expressões “transformações” e “mundo de hoje”. Elas atuam como um contraponto à imagem ainda difundida de escola conservadora, do ponto de vista pedagógico e administrativo, e que muitas vezes é associada à sua tradição de escola secular.

Parece haver consenso de que o Colégio Pedro II é tradicional, e todos também parecem gostar disso; mas qual a diferença entre tradição e conservadorismo? As críticas ao que seria um viés conservador vêm principalmente de dentro da própria escola, de um debate permanente e dinâmico que se faz em seu interior, por sua comunidade escolar. Se há conservadorismo, como separá-lo da tradição? Não pretendemos dar resposta a esse dilema nesta pequena introdução, mas essa questão parece atravessar todos os trabalhos que pretendem analisar e compreender o Colégio Pedro II.

Para escrever essa introdução, que apresenta rapidamente o Colégio de hoje e contextualiza os artigos selecionados para este número, nos baseamos em entrevistas com professores, em nossa experiência como orientadora de dissertações sobre o Colégio, nas informações da página eletrônica do Colégio e nos saberes cotidianos gerados pela convivência com um Colégio que é parte da vida escolar da cidade do Rio de Janeiro e, sobre o qual, todos os olhares interessados em educação pública de qualidade recaem.

⁴ Existem muitas instituições públicas de qualidade, ligadas aos sistemas estaduais e municipais em todo o país, mas falta-lhes, em geral, o reconhecimento que as “federais” obtêm.

Tradição que ajuda ...e atrapalha

Quando se pensa no Colégio Pedro II, se pensa em tradição. O que isso significa em se tratando de uma escola? Tradição pode ser entendida como transmissão de narrativas ou valores de geração a geração. Algo como recordação, memória ou costume. Sendo a escola, pelo menos em sua concepção mais estrita, a instituição inventada com vistas à transmissão da tradição, uma escola tradicional seria aquela que acumulou saberes sobre a prática de transmitir as tradições. Ou seja, seria a tradição em dupla camada. Entretanto, essa definição estrita do papel da escola não mais exprime o que dela se espera hoje. Uma escola deve ser capaz de compreender as particularidades de seus alunos, traçar caminhos viáveis para eles, estimulá-los em sua criatividade, em seu espírito crítico, incorporar com rapidez as mudanças produzidas na sociedade e, até mesmo, romper tradições em favor da realização de todas essas coisas.

Por isso, há escolas tradicionais boas e ruins e há escolas sem tradição boas e ruins. Tudo depende de como se lida com a tradição ou com a falta dela. Como ouvi de um professor do Colégio, “a tradição ajuda...e atrapalha”. É evidente que num país de origem colonial, que carece de memória, de auto valorização de sua própria história, a tradição propicia a construção de uma identidade para as instituições. O legado de uma geração à outra, é imprescindível, e sua valorização não é sinônimo de conservadorismo. Mas é evidente também que uma escola tradicional tem mais dificuldade em realizar as mudanças que percebe necessárias.

Não se pode dizer que no Colégio Pedro II a tradição é empecilho para a sua atualização, mas, com certeza, ela não se faz no ritmo que alguns esperavam ou desejavam. A tradição tem seu preço. É em nome dela, provavelmente, que são mantidos alguns anacronismos e dificuldades em atualizar a memória de coisas que não cabem mais, cuja revisão histórica já está consolidada. É o caso do nome do prédio da direção geral do Colégio Pedro II – Almirante Augusto Rademaker – Vice-presidente no governo Garrastazu Médici (1969-1974) e integrante da junta militar que governou o país de 31 de agosto a 30 de outubro de 1969, impedindo o vice presidente civil, Pedro Aleixo, de assumir a presidência. O episódio, que ficou conhecido como o golpe dentro do golpe, ocorreu no período da ditadura militar que levou à expulsão do serviço público professores do Colégio como Hélio Marques da Silva, também presidente do sindicato dos professores e Bayard Demaria Boiteux⁵.

⁵ Neste número: Hauer, Maciel Lucia. “O Colégio Pedro II durante a ditadura militar”.

Deve-se notar ainda que praticamente todos os estudos sobre o Colégio Pedro II destacam a longa existência do Colégio, o fato de ter atravessado do Império à República, e os grandes nomes que lá lecionaram como Joaquim Manoel de Macedo, Euclides da Cunha, Manoel Bandeira ou que lá estudaram, como Joaquim Nabuco, Afonso Arinos de Mello Franco e Mario Lago. Esse elemento é liminar e ativo na abordagem de qualquer assunto relativo ao Colégio. Podemos perceber ainda, e esta publicação é exemplo disso, que com frequência os próprios professores do Colégio são seus pesquisadores sendo esse fato ao mesmo tempo um resultado e um elemento reforçador de seu espírito de corpo.

Democratização do acesso e da permanência

De Colégio da elite no final do período imperial, o Colégio Pedro II se transformou, no decorrer do século XX, em colégio das classes médias. Desde 1984, o sorteio permanece sendo o critério para ingresso no primeiro ano do ensino fundamental (antiga classe de alfabetização) e no segundo ano do ensino fundamental (antiga primeira série). No sexto ano (antiga 5ª série) e no primeiro ano do ensino médio há concurso para candidatos externos. Um levantamento sócio-econômico feito em 2000, relatado no volume do já citado Projeto Político Pedagógico do Colégio, mostra que é das classes médias (em seus vários segmentos) que advém a maior parte de seus alunos, embora também atinja uma parcela significativa de famílias que não usufruem dos bens típicos de classe média como carro, computador ou instrução superior⁶. Uma mudança importante veio em 2005, quando 50% das vagas oferecidas nos concursos passaram a ser preenchidas por candidatos oriundos das escolas que integram a rede pública de ensino fundamental, mantida pelos governos municipais e estaduais.

A procura pelo Colégio é muito grande e crescente. Nos concursos chega a haver cerca de 30 candidatos por vaga para o sexto ano do ensino fundamental e nos sorteios, cerca de 20 candidatos por vaga nos primeiros anos das séries iniciais⁷.

Quanto ao percurso escolar dos alunos, observamos que a análise dos temas *evasão e repetência* no Colégio Pedro II tem um sentido próprio já que ambas estão muito abaixo da média nacional. Ainda assim, são objeto de estudo significativo para a compreensão dos processos de exclusão e inclusão escolar no Colégio e fora dele. Nessa

⁶ Colégio Pedro II. Idem, (p.48).

⁷ Colégio Pedro II. Idem, (p.36).

linha, a pesquisa sobre a jubilação, apresentada neste número, se mostrou importante⁸. O Colégio aplica desde seus primórdios o expediente da jubilação. Por esse processo, os estudantes que repetem duas vezes a mesma série são expulsos, isto é, jubilados da escola. A partir de 2005 passaram a ser passíveis de jubilação somente os estudantes do 3º ano do ensino fundamental em diante. O problema, destacado pelo estudo, é que os mais vulneráveis à jubilação são os alunos oriundos do sorteio no primeiro ano do ensino fundamental. Possivelmente, os exames seletivos para alunos externos, nas séries mais avançadas, com grande concorrência e alta seletividade, contribuem, por exemplo, para a manutenção de bons níveis de desempenho discente, por captarem alunos com trajetórias de sucesso escolar já construídas. Entretanto, isso pode reforçar uma concepção de qualidade preestabelecida, pode camuflar problemas, dificultando políticas mais radicais de busca dos meios para se alcançar o bom desempenho para todos.

A observação dos números do Ideb⁹ mostra o Colégio bem situado entre as demais escolas federais de educação básica da cidade do Rio de Janeiro e em relação à rede pública municipal.

COLÉGIO/SISTEMA Ano 2007	Anos Iniciais do EF	Anos Finais do EF e Ensino Médio
Colégio Pedro II	6.9*	6.0**
Colégio de Aplicação UFRJ	6.9	7.1
Colégio Militar	-	6.4
Fundação Osório	6.1	6.0
Rede municipal	4.5	4.3***
Brasil	4.2	3.6

* unidades Humaitá, São Cristóvão, Engenho Novo, Tijuca

**unidades Humaitá, São Cristóvão, Engenho Novo, Tijuca e Centro

***somente anos finais do Ensino Fundamental

Fonte: <http://portalideb.inep.gov.br/>

⁸ Neste número: Galvão, Maria Cristina. “Colégio Pedro II - 12 anos de escolaridade”.

⁹ O Ideb (Índice de desenvolvimento da educação básica) é calculado a partir de dois componentes: taxa de rendimento escolar (aprovação) e médias de desempenho nos exames padronizados aplicados pelo Inep. Os índices de aprovação são obtidos a partir do Censo Escolar, realizado anualmente, e as médias de desempenho utilizadas são as do SAEB.

Portanto, se o sorteio para ingresso das crianças pequenas assim como a reserva de vagas nos concursos para alunos das escolas públicas reafirmam o sentido democratizador do Colégio que vem sendo construído nas últimas décadas, inventar estratégias para alcançar a meta da superação da diferença de desempenho entre os ingressantes por sorteio e os ingressantes por concurso parece ser um dos desafios da instituição para o século XXI.

Conservadorismo e mudança

Do ponto de vista político-administrativo, o Colégio é considerado, com frequência, uma instituição conservadora. Há motivos para isso. O último diretor, antes da atual diretoria, escolhida pela comunidade escolar por meio de processo eleitoral e empossada em 2008, ocupou o cargo por quatorze anos seguidos. Há diretores de unidade que permanecem no cargo há dezesseis anos e ainda não há regras claras para a eleição dos mesmos. Atualmente o Colégio trabalha na elaboração de um novo regimento interno, sendo o atual de 1987.

Os debates sobre os melhores critérios para a escolha de dirigentes de instituições educacionais estão longe de produzirem unanimidades. Entretanto, no Colégio Pedro II, parece haver consenso sobre a necessidade de eleições diretas para seus dirigentes, seja por influência do processo mais amplo de democratização da sociedade brasileira, seja pela complexidade do Colégio, com unidades espalhadas por toda a cidade do Rio de Janeiro e, mais recentemente, também no Grande Rio, oferecendo todos os segmentos da educação básica, o que o torna uma espécie de rede de ensino, com diferenças e particularidades a serem politicamente administradas.

Em seus aspectos pedagógicos o Colégio vem passando por mudanças. Hoje, já é possível afirmar que o sistema de avaliação não está exclusivamente centrado em provas e medidas e, particularmente nas séries iniciais do ensino fundamental, um sistema novo, baseado na avaliação contínua, cumulativa e qualitativa está em vigor. Entretanto, a instituição continua sendo vista, por seus próprios professores, como de forte marca conteudista ainda que, segundo eles, as transformações no sistema de avaliação tenham tido impacto entre os professores e alunos. Os anos 2000 já viram sucessivas reformas, representando avanços e recuos frente ao desafio de tornar o sistema de avaliação menos classificatório e excludente.

O fato é que, entre o conservadorismo e a mudança, o Colégio tem demonstrado grande vitalidade. O Projeto Político Pedagógico, um volume com 400 páginas,

elaborado em 2000, contém sete capítulos sobre a realidade da escola, sua caracterização, a estrutura e proposta curriculares e a avaliação. Os professores participaram em diferentes etapas da elaboração do Projeto, mas houve críticas à pouca valorização da participação de pais, alunos e funcionários no processo¹⁰. O MEC tem tido um papel relevante na definição de rumos da escola, inclusive pretendendo, nem sempre com muito sucesso¹¹, que o Colégio seja uma espécie de laboratório de propostas. No Projeto Político Pedagógico estão presentes as concepções dos Parâmetros Curriculares Nacionais, mas isso não significa que elas de fato tenham sido incorporadas na prática. Um exemplo é a organização curricular por “competências” que estrutura o Projeto, assumida por algumas áreas disciplinares do Colégio¹².

Docência qualificada

Entre as mudanças recentes mais significativas do Colégio pode-se ressaltar a grande renovação do quadro de professores, ocorrida de 1990 para cá, por meio de concursos públicos¹³. Esse corpo docente renovado tem investido em seu aperfeiçoamento acadêmico. A maior parte dos professores enquadra-se nos regimes de 40 horas semanais ou dedicação exclusiva e o plano de carreira docente permite boas vantagens salariais em função da formação. Os proventos são muito superiores aos pagos pelos sistemas estadual e municipal do Rio de Janeiro.

O maior problema do Colégio, hoje, é o grande número de professores substitutos, cerca de 20% em 2007. Tal como nas universidades, a reposição do quadro não correspondeu às aposentadorias e ao crescimento da instituição. Recentemente, a maior ocorrência de concursos tem minorado o problema.

O corpo docente de alta qualidade é o grande trunfo do Colégio. Em 2000, de acordo com as informações do Projeto Político Pedagógico¹⁴, 75% dos professores tinham títulos de especialização, mestrado ou doutorado¹⁵. Com os novos concursos, tudo leva a crer que esse índice tenha aumentado. Mantendo o forte espírito de corpo,

¹⁰ Granja, Márcia Maria França. “Idas e vindas do processo de implementação de um programa de avaliação formativa no Colégio Pedro II”. Dissertação de mestrado, UFRJ, 2008.

¹¹ Neste número: Oliveira, Ana de. “Colégio Pedro II, espaço-tempo produtor de políticas curriculares”.

¹² Neste número: Ventura, Cláudia; Silva, Kátia Regina Xavier da; Santoro, Marco; Sá, Marcio de. “Ensino por competências – uma abordagem renovadora do cotidiano da educação física”.

¹³ Sobre o processo de instauração de concursos públicos no Colégio, ver neste número: Dias, Amália. “Atacá-las ou acatá-las: a congregação do Colégio Pedro II e as instruções para concursos (1931-1946)”.

¹⁴ Colégio Pedro II. Idem. (p. 44).

¹⁵ Neste número: Portela, Vanessa Cristina Máximo. “Um olhar sobre o(s) sentido(s) do mestrado na formação continuada de professores do Colégio Pedro II”.

típico da identidade institucional do Colégio, os professores atuam em reuniões semanais, com os coordenadores de suas disciplinas, que, por sua vez, reúnem-se também semanalmente com os demais coordenadores das outras unidades e com a chefia do departamento. Esse trabalho é visto pelos professores como o ponto alto da escola, ainda que seja mais bem sucedido em umas disciplinas do que em outras.

A Associação de Docentes do Colégio Pedro II (ADCPII) foi criada em 1984. Em sua página eletrônica, ao início de 2008, destacavam-se os problemas trabalhistas referentes aos professores substitutos e a reivindicação por eleições diretas imediatas para os diretores das unidades.

O Colégio oferece vagas para estágio curricular na formação de professores e recebe licenciandos de várias universidades da cidade, públicas e privadas. É importante parceiro das licenciaturas da UFRJ, recebendo, somente dessa instituição, cerca 200 universitários por ano.

As novas unidades

Atualmente o Colégio é composto pelas seguintes unidades¹⁶: Centro, Tijuca I, Tijuca II, Humaitá I, Humaitá II, São Cristóvão I, São Cristóvão II, São Cristóvão III, Engenho Novo I, Engenho Novo II, Realengo (bairro da zona oeste do Rio de Janeiro), Niterói e Duque de Caxias. Essas últimas três unidades foram criadas respectivamente em 2004, 2006 e 2008. Houve críticas da comunidade escolar sobre a maneira como a expansão foi feita. Segundo a opinião de professores, o crescimento não foi acompanhado da infraestrutura necessária como prédios apropriados e novas vagas docentes. Nos três casos, a implantação das novas unidades partiu de negociações com as prefeituras municipais. A unidade do bairro de Realengo, no município do Rio de Janeiro, funciona em um prédio histórico da região. A unidade da cidade de Niterói funciona em um antigo CIEP, no bairro do Barreto. A unidade da cidade de Caxias funciona em um prédio comercial, com apenas seis salas de aula.

Para além do convencional

Apesar das muitas mudanças, a tradição humanista do Colégio não se perdeu de todo. Segundo professores, ainda subsiste, no Colégio, a idéia de que a

¹⁶ As unidades I são voltadas para os anos iniciais do ensino fundamental, as unidades II para os anos finais do ensino fundamental e ensino médio. No complexo de São Cristóvão há ainda a Unidade III, exclusiva do ensino médio.

empregabilidade, o bom desempenho técnico, depende de uma boa formação humanista. Seria essa formação a base para a compreensão da ciência, do progresso, da técnica e para se alcançar a cidadania. O currículo do Colégio Pedro II ainda é forte em história, geografia, filosofia, sociologia e línguas. Desde meados do século XX, houve um fortalecimento das áreas científicas¹⁷, também chamadas técnicas ou exatas. Cabe notar que a direção geral, nas últimas décadas, tem sido ocupada por professores dessas áreas.

Pude ouvir críticas quanto ao fato de que na escola discute-se pouco os programas das disciplinas e também de que há pouca troca entre elas. Faltariam discussões pedagógicas que aproximassem as áreas disciplinares. Há críticas também à falta de integração entre as unidades I, das séries iniciais do ensino fundamental, os chamados “Pedrinhos”, e as unidades II, das séries finais do ensino fundamental e ensino médio. No geral, os “Pedrinhos” são considerados escolas mais inovadoras e abertas¹⁸, com maior facilidade em incorporar as mudanças.

O Colégio mantém as disciplinas educação artística, educação musical, francês e espanhol (para além do inglês), mas os investimentos em atividades culturais não parecem fazer parte de um projeto articulado de formação cultural dos alunos e ficam na dependência de professores mais ou menos dedicados a elas. O Espaço Cultural do Colégio Pedro II promove exposições e, o teatro Mario Lago, do Colégio, é pouco utilizado. A jornada escolar é de cinco horas diárias havendo aulas de apoio apenas para os alunos com dificuldades, no turno inverso. É bom lembrar que esses dois últimos itens, a formação cultural mais ampla, propiciada pela escola, e a jornada escolar ampliada, têm grande influência no desempenho escolar das crianças oriundas das classes populares.

A organização e atuação do alunado nos grêmios varia de unidade para unidade, mas, no geral, essas entidades não parecem ter a força que já tiveram nos anos 1960 ou mesmo nos anos 1990. Sinal dos tempos, e nisso o Colégio não está sozinho. Não encontramos indícios de que as atividades esportivas sejam intensas, mas encontramos na página do Colégio notícias de um evento comemorativo do centenário do compositor Cartola, de uma olimpíada de química, de um festival da Canção, e de um coral, tudo sempre organizado pela própria escola ou por professores.

¹⁷ Neste número: Cassab, Mariana e Selles, Sandra Escovedo. “Investigando os rumos curriculares da disciplina História Natural no Colégio Pedro II: as atas de concurso para professores como fonte histórica”.

¹⁸ Neste número: Tonácio, Glória de Melo; Pacheco, Patrícia da Silva. “A literatura nas séries iniciais no Colégio Pedro II: dialogismo e estética na sala de aula”.

O Proeja também é um novo caminho aberto pelo Colégio e se destina à educação profissional integrada com o ensino médio na modalidade de educação de jovens e adultos. O projeto oferecerá em 2009, no turno da noite, as modalidades de técnico em manutenção automotiva e técnico em manutenção e suporte em informática.

O Colégio tem demonstrado grande responsabilidade com seu acervo histórico. A Biblioteca de Memória, o Museu e Laboratório de Física e o Nudom – Núcleo de Documentação e Memória do CPII funcionam na unidade Centro. Este último é definido como um núcleo institucional de pesquisa interdepartamental cuja meta é resgatar, organizar e divulgar o acervo manuscrito, iconográfico e documental da história e memória do Colégio Pedro II. Muitos pesquisadores têm tido sucesso no acesso e utilização dessa documentação.

Apresentamos aqui apenas alguns indícios, pontos a serem melhor conhecidos e estudados. Sabemos que neste pequeno texto introdutório, dimensões importantes ficaram de fora. Algumas delas estarão contempladas nos artigos que compõem a edição. Espera-se que esta publicação sirva de estímulo a novos estudos sobre a instituição.

Que o Colégio Pedro II, seus professores, alunos, funcionários e direção recebam este número como uma homenagem. Que a história lhes seja leve e a responsabilidade produtiva.

Num país onde tudo parece recente e provisório, onde os sistemas públicos de educação sofrem com a instabilidade das políticas, o Colégio Pedro II é uma experiência de permanência. O que isso traz de ensinamentos? Certamente muitos. Sua importância como campo de pesquisa se multiplica devido a essa particularidade.